

## CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL NO PROGRAMA DE EXTENSÃO MUSEU DO CONHECIMENTO PARA TODOS

DESIRÉE NOBRE SALASAR<sup>1</sup>; ELCIO ALTERIS DOS SANTOS<sup>2</sup>; FRANCISCA  
FERREIRA MICHELON<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – dedah.nobres@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – elcioalteris@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – fmichelon.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa à apresentação das contribuições da Terapia Ocupacional no programa de extensão Museu do Conhecimento para todos: inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários no período que compreende 2013 – 2016. O referido programa tem como objetivo promover ambientes inclusivos em museus universitários formando recursos humanos através de capacitações em áreas que permeiam as questões de acessibilidade e inclusão. Sistematizando a tríade ensino, pesquisa e extensão, o programa utiliza a interdisciplinaridade na equipe e o conceito de desenho universal para promover o direito à cultura para pessoas com deficiência, vigente no artigo 42 da Lei Brasileira da Inclusão – 13.146 de 6 de julho de 2015.

A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

O museu do conhecimento para todos foi contemplado pelos editais PROEXT/MEC/SESu 2012 e 2015 e desenvolvido nos anos subsequentes. Desde então conta com uma equipe que abrange sete áreas do conhecimento, nomeadamente: Museologia, Conservação e Restauro, Cinema, Ciência da Computação, Design Digital, Arquitetura e Urbanismo e Terapia Ocupacional.

Acredita-se que a união de diferentes áreas contribui para a construção de uma linha tênue entre museus e inclusão cultural para pessoas com deficiência. Sendo a Terapia Ocupacional uma profissão de base humanista que permeia as áreas da saúde, educação e biopsicossocial, esta constrói uma parte importante do programa: a acessibilidade atitudinal. De acordo com PONTE; SILVA (2015)

Frente à acessibilidade, o terapeuta ocupacional trabalha como um eliminador de barreiras, sejam elas físicas ou atitudinais, proporcionando, assim, maior autonomia e independência, o que facilita a interação do sujeito com o meio social. (p. 262)

Desta forma, ainda segundo as autoras, as barreiras que este profissional auxilia na eliminação tangem ao entendimento de que às pessoas não são vistas pela sua deficiência e sim, pelo ser prático que são.

Sendo assim, em um ambiente culturalmente excludente para pessoas com deficiência, os museus, torna-se relevante apresentar o conceito de acessibilidade atitudinal. E é devido a este fator que o programa museu do conhecimento para todos inclui em sua equipe a Terapia Ocupacional.

## 2. METODOLOGIA

As atividades que serão descritas neste trabalho foram desenvolvidas pela autora enquanto bolsista PROBEC e, posteriormente voluntária, do programa de extensão Museu do Conhecimento para Todos: Inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários, de março de 2013 até o presente momento. Neste período, foram realizados trabalhos no Memorial do Anglo, na Fototeca Memória da UFPel e no Museu do Doce.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Memorial do Anglo é o primeiro resultado do referido programa. Inaugurado em 2014, o espaço que começou a ser planejado e pensado em 2012, conta a trajetória do frigorífico Anglo em Pelotas. Para que fosse efetivado, contou com a participação de treze bolsistas orientados por cinco professoras, incluindo a coordenadora do programa Museu do Conhecimento para todos<sup>1</sup>. O grupo foi dividido por setores, tais como: expografia, maquetes táteis, áudio-descrção entre outros. A cargo da autora, sob orientação da professora Dra. Tatiana Lebedeff, ficou a responsabilidade de traduzir as imagens da exposição para palavras através da técnica de áudio-descrção (AD) que de acordo com CARPES (2016),

é um recurso de acessibilidade que traduz o visual em verbal, ampliando o entendimento das pessoas com deficiência visual, garantindo a inclusão dos cegos na educação, no entretenimento, no lazer, na comunicação e na informação. (p. 5)

Sendo assim, no período que antecede a inauguração do Memorial do Anglo, o foco principal foi voltado à áudio-descrção das quatorze fotografias que compõe a exposição.

Entretanto, neste meio tempo, durante as capacitações da equipe, a autora ficou responsável por apresentar, em oficina, questões pertinentes à deficiência visual, de modo a quebrar pré-conceitos e mitos que envolvem, ainda, este público, fomentando, assim, a acessibilidade atitudinal. Ressalta-se aqui, que no primeiro ano do programa, havia um bolsista cego, aluno do curso de Bacharelado em Canto, que muito contribuiu para a formação de toda a equipe em questões de acessibilidade atitudinal.

Após a inauguração do referido espaço, começaram os trabalhos referentes à mediação acessível. Esta, versa sobre a recepção no Memorial do Anglo utilizando de recursos inclusivos como a áudio-descrção de localização realizada ao vivo pelo mediador, a condução do visitante pela exposição e o acolhimento e criação de vínculo entre visitante e mediador.

Segundo SARRAF (2012), *o vínculo estabelecido pela mediação acessível resulta em um equilíbrio dos sentidos na percepção de mensagens culturais que estão dispostas em exposições.*

Durante as visitas realizadas no Memorial do Anglo, com normovisuais e pessoas com deficiência visual, constatou-se a importância de capacitação do mediador em acessibilidade atitudinal, uma vez que as atitudes de quem recebe são fundamentais para que o visitante se sinta acolhido, sem sentir-se segregado.

---

<sup>1</sup> Prof. Dra. Francisca Ferreira Michelon.

Nos anos subsequentes o trabalho de mediação acessível foi continuado e a ele foi acrescentada mais uma missão: o programa de rádio Fotografia para Ouvir. Este programa é uma parceria do projeto de ensino Fototeca Memória da UFPel e do Museu do Conhecimento para todos e visa apresentar o recurso de áudio-descrição para ouvintes da rádio Federal FM, de forma a fomentar e disseminar este mecanismo de inclusão cultural para pessoas com deficiência visual. Para além, Fotografia para ouvir tem como objetivo principal tornar acessível o acervo de importantes documentos fotográficos históricos da Universidade Federal de Pelotas e, atualmente do Museu do Doce, parceiro do programa MCT. Sendo assim, é parte do trabalho da autora instrumentalizar a nova equipe, escrever e revisar os roteiros juntamente com a coordenadora do mesmo.

Aqui, mais uma vez, enfatiza-se que apresentar recursos inclusivos à sociedade também estende-se à acessibilidade atitudinal, uma vez que sendo disseminados para a população, favorecem a inclusão de pessoas com deficiência nos mais variados ambientes.

Para finalizar, no ano corrente o programa de extensão Museu do conhecimento para Todos: inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários está organizando a exposição permanente do Museu do Doce. Este, inaugurado em 2011 está localizado em um prédio histórico da cidade de Pelotas, cuja restauração foi concluída em 2013, casarão 8, e pertence à UFPel. A exposição pretende ser inclusiva e por isso, mais uma vez a Terapia Ocupacional faz-se presente permeando os diversos grupos de trabalho, de forma a apresentar acessibilidade atitudinal nos mais variados produtos executados pela equipe. Em 2015 foram realizadas visitas inclusivas com a instituição parceira do programa, Associação Escola Louis Braille, no Museu do Doce e Memorial do Anglo. A visita, que contou com 20 pessoas com deficiência visual foi conduzida pela equipe de Terapia Ocupacional integrante do programa no citado ano e contou com o apoio de todos os integrantes do MCT.

#### 4. CONCLUSÕES

As atividades ora descritas referem-se às contribuições da Terapia Ocupacional no que tange promoção da acessibilidade atitudinal no programa de extensão Museu do Conhecimento para todos. O trabalho torna-se relevante uma vez que as atitudes dizem muito sobre como o trabalho enxerga seu público-alvo. Desta forma, a utilização de uma nomenclatura correta, a posição para guiar uma pessoa cega, os conceitos incorporados e a não estigmatização são algumas questões chave para que o trabalho desenvolvido seja bem recebido pelo público-alvo e que seja, de fato, inclusivo e para todos. Ser acessível é outorgar condições de acesso, entretanto, ser inclusivo versa sobre acolher e enxergar o outro enquanto seu semelhante. É ver a deficiência como uma característica da pessoa e não como uma fonte de incapacidade e ineficiência. E é justamente desta forma que os produtos realizados pelo programa de extensão Museu do Conhecimento para todos visam incluir as pessoas com deficiência em ambientes museais, tendo como premissa base a acessibilidade atitudinal.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 13.146 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira da Inclusão - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm) Acesso em: 09/08/16

CARPES, D. S. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016. Online. Disponível em: <http://editoracatarse.com.br/site/wp-content/uploads/2016/02/Audiodescri%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%A1ticas-e-reflex%C3%B5es.pdf> Acesso em: 09/08/2016

SARRAF, V. P. Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: Inovação no Design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais. In: Acessibilidade em Ambientes Culturais. Porto Alegre : Marca Visual, 2012.

Ponte, A. S.; Silva, L. C. A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 261-271, 2015